

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

RESENHA

A FILOSOFIA E SEUS INÍCIOS

SASSI, Maria Michela. *Os inícios da filosofia: Grécia*. Tradução: Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

Por Cristiane A. de Azevedo
UFRRJ

Em um primeiro contato com o livro **Os inícios da Filosofia: Grécia**, da professora da Universidade de Pisa, Maria Michela Sassi, publicado em 2015, pela editora Loyola, poderíamos pensar se tratar de mais um trabalho que busca trazer o variado pensamento dos chamados filósofos pré-socráticos para o espaço de um único livro que, ainda que volumoso (temos quase 300 páginas), não consegue fugir de reduções e superficialidades que um escrito com essa intenção acaba, quase que inevitavelmente, caindo. Todavia, a professora Sassi soube muito bem como escapar das armadilhas de tal empreendimento ao apresentar um panorama do início da filosofia sem apostar em uma suposta cronologia baseada no aparecimento e/ou na atividade dos pensadores e sem se restringir ao pensamento dos mais famosos pré-socráticos citados amplamente em obras desse porte. Sassi buscou um caminho diferente daquele que encontramos na história da história da filosofia, “refutando uma impostação teleológica, com um início e uma progressão muito definidos”, que caracteriza o percurso progressivo, de tensão aristotélica e hegeliana (p.12).

O objetivo de seu trabalho tampouco era o de “oferecer vários ensaios biográfico-literários” (p.7) ainda que a própria autora afirme que acabou fazendo-os quando tratou de personalidades fortes como as de Anaximandro, Heráclito, Xenófanes, Parmênides e Empédocles. No entanto, se ela os fez, foi de uma forma bem diferente daquela que estamos

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

acostumados a encontrar, ao trazer para a discussão elementos pouco evidenciados do pensamento desses filósofos, como é o caso, por exemplo, do mapa de Anaximandro.

Se prestarmos um pouco mais de atenção no próprio título já começaremos a nos afastar daquela primeira impressão que poderíamos ter sobre o livro. Apresenta-se aí uma pista extremamente importante sobre a história que nos será contada: “os inícios”. A autora nos convida a pensar a filosofia tendo inícios diferentes e são através desses possíveis inícios que Sassi estrutura os capítulos de sua obra. O que podemos esperar dos vários “inícios” a autora nos esclarece na introdução: “prefiro falar de uma *pluralidade* de inícios da filosofia na Grécia, sem ignorar o emergir, em outros setores e momentos do saber dos pré-socráticos, de um discurso sobre a alma ou de uma formulação de princípios do pensamento cujo significado filosófico é praticamente o mesmo daquele observado para o estudo sobre a natureza” (p.12).

Assim, Sassi trata de conjecturas políticas e culturais, como o surgimento da escrita e seu impacto sobre a produção de conhecimento grega; do olhar crítico que diferenciaria essa nova atitude de pensamento em relação à anterior, mítica; da preocupação com uma filosofia da natureza através da formulação das diferentes cosmogonias; da reflexão sobre a alma e sua relação com o intelecto; e da poesia também como “gênero” filosófico. Se olharmos para a divisão dos cinco capítulos que compõem a obra e tentássemos resumir o percurso que neles encontramos, teríamos: pensamento crítico; cosmogonias; escrita; alma; poesia e filosofia. É por dentro desses grandes eixos temáticos que Sassi traça uma história diferente do início do pensamento ocidental: “busquei colocar os diversos autores, com suas particulares concepções e também as discordâncias críticas de um em relação ao outro, no seu contexto específico: com isso compreendo não apenas as conjecturas políticas, mas o ambiente comunicativo no qual sua atividade intelectual tomou forma, antes de circular mais amplamente pelo meio escrito” (p.12).

Ao longo de todo livro, Aristóteles é um testemunho importante para Sassi seja no que diz respeito ao início da filosofia, seja em relação à alma ou mesmo em relação às narrativas míticas. Além do diálogo com autores antigos, Sassi traz uma gama variada e ampla de comentadores da filosofia antiga. Para cada um dos temas e/ou autores abordados as referências bibliográficas são extensas; e não se trata meramente de um levantamento bibliográfico, Sassi mostra toda sua erudição e conhecimento dialogando com esses autores

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

sem transformar seu texto em uma leitura cansativa. A autora sabe como colocar em cena seus interlocutores e articulá-los em um pensamento próprio e original.

O primeiro capítulo aborda o novo olhar que surge na Grécia a respeito da natureza que distancia-se gradualmente do pensamento mítico. A pergunta que orienta essa primeira etapa é justamente o que faz esse novo pensamento ser diferente das explicações a respeito do cosmos vindas das narrativas míticas. Temos também uma rica discussão em torno de termos e ideias que parecem cristalizados, naturalizados pelo uso feito ao longo da história da filosofia, tal como o próprio termo pré-socrático ou a ideia de que Tales é o pai da filosofia.

Sob a designação de pré-socrático a tradição acabou por reunir uma gama variada de pensadores que muitas vezes mostraram interesses diversos. Tal operação se justificaria por Sócrates apresentar um elemento ausente entre os seus antecessores: a questão ética. No entanto, entre as questões elencadas pela autora, com a intenção de discutir essa visão, está a possibilidade de encontrarmos elementos de interesse ético e antropológico, por exemplo, na tradição órfica e pitagórica ou em Heráclito e em Empédocles. Assim, já nesse primeiro capítulo somos chamados a percorrer a história da filosofia de uma forma diferente, Sassi trabalha tanto com os pensadores da escola jônica quanto com o pensamento órfico e pitagórico, nem sempre considerado em estudos desse tipo e que terá grande destaque não só dentro dos eixos estruturados por Sassi como na sua correlação com a filosofia jônica.

Quando se dedica à tradição historiográfica que faz de Tales o precursor da filosofia, Sassi acaba perpassando outros temas de discussão, como a possibilidade – pensada por diversos autores – de buscar no mundo oriental o início da filosofia e a relação entre *logos* e *mythos*. Com o objetivo de discutir ao mesmo tempo esses dois temas surgidos, Sassi traz para a cena o consagrado livro de Cornford, *Principium Sapientiae – The origins of Greek philosophical thought*, publicado em 1952. A autora trabalha seus aspectos mais relevantes e suas importantes contribuições, como o débito da filosofia com o pensamento mítico e com as culturas orientais. A grande questão para Sassi, no entanto, é questionar como os gregos transformaram essas influências, derivando daí elementos com novos significados. Para finalizar sua análise, a autora faz Cornford dialogar com Walter Burkert e a ideia de que nos séculos VIII e VII a.C. a cultura grega foi condicionada por modelos orientais de modo determinante. Por outro lado, Burkert caminha no sentido de uma reinterpretação das narrativas míticas iniciada, de forma discreta, na segunda metade do século XIX e tendo um

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

grande desenvolvimento ao longo do século XX. Esses estudos tentavam abordar o mito sob sua própria perspectiva, reatribuindo-lhe o seu papel de verdade e de construtor de sentido para a comunidade no qual estava inserido. Tal perspectiva foi possivelmente aberta por F.W. Schelling em meados do século XIX quando, nos seus escritos sobre a filosofia da mitologia afirmar que o mito não é alegórico como a longa tradição o havia interpretado até então, mas tautegórico, diz o que diz e da forma que diz como única maneira de dizer aquilo que precisa ser dito. O que significa dizer que a verdade volta para o interior do mito e não se encontra fora dele. Nesse sentido, o que Burkert faz, diferente de Cornford, é atribuir um conteúdo especulativo autônomo para o mito, chegando à conclusão de que o que diferenciaria o logos mítico do logos filosófico será a forma argumentativa presente nesse último. No entanto, também aí coloca-se um problema levantado pela autora: tal distinção corresponde “a uma concepção da filosofia como pensamento de tipo lógico-dedutivo que parece redutiva” (p.45). A solução para escapar de tal estrangulamento da filosofia seria, segundo Sassi, recuperar as cosmogonias jônicas para levar em consideração a complexidade dos elementos que caracterizam a filosofia e salvar a continuidade com o mito.

Entre avanços e limites presentes nos pensamentos de Cornford e de Burkert, Sassi tenta delimitar seu próprio caminho e o testemunho de Aristóteles será um importante instrumento nessa empreitada não só no que diz respeito a uma valorização do saber mítico como no que diz respeito ao estabelecimento de Tales como, de fato, o precursor da filosofia. Ainda que o próprio Aristóteles não deixe passar despercebida a importância da água na figura do deus Oceano, em um possível pensamento de Homero acerca da natureza, é com Tales que se apresentará uma clara formulação sobre a causa primeira, não mais nomeando a causa através do nome de deuses mas buscando-a na experiência. Contudo, se há uma “secularização” da sociedade grega, onde a explicação a partir dos deuses é posta de lado a favor de uma observação da natureza e uma tentativa de explicação do cosmos a partir dos fenômenos observáveis ou intuídos, “a postura dos pré-socráticos relativamente à presença do divino na natureza está longe de traduzir-se em refutação racionalista”. Como a própria autora lembra, poucas palavras são mais recorrentes do que ‘deus’ nos índices da edição de Diels e Kranz (p.77).

Ao fim desse primeiro capítulo, a autora tenta definir essa experiência de pensamento ao afirmar que o interesse dos pré-socráticos não estava somente da natureza mas “em todas

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

as coisas”. Outro aspecto importante desses pensadores será sua atitude, caracterizada como peculiarmente crítica, “tanto ‘verticalmente’, em relação à tradição das narrativas míticas ou a formulações precedentes de um mesmo problema, quanto ‘horizontalmente’, relativa a detentores de outro tipo de saber e defensores de diversas abordagens” (p.62). Será tendo em vista esses dois elementos principais, constitutivos desse primeiro pensamento filosófico, que Sassi seguirá construindo sua história dos inícios da filosofia.

No seu resgate das cosmogonias, feito no segundo capítulo, a autora retoma Hesíodo. Na *Teogonia*, o poeta parece organizar um todo que antes se apresentava como histórias diferentes e desconexas. Hesíodo narra a organização do cosmos a partir da sistematização das várias ações das figuras divinas. Sua ação parece tripla: sistematização dos antigos mitos, afirmação do poder de Zeus e afirmação do aedo como figura de autoridade. Por conta do dom do canto que recebe das Musas, o poeta rompe os limites temporais, espaciais e físicos, podendo cantar tudo aquilo que se deu na origem do cosmos e entre os deuses. O que encontramos em Hesíodo é uma tentativa de racionalização das narrativas míticas. E se o cosmos do poeta começa com um caos, uma indiferenciação entre céu e terra, influenciando outras cosmogonias, talvez possamos ver traços desse pensamento, como ressalta Sassi, no *ápeiron* de Anaximandro. Contudo, enquanto Hesíodo se mantém em um âmbito mítico, Anaximandro, como lembra Vernant (*As origens do pensamento Grego*) – citado pela autora –, teve a capacidade de representar o universo como um *kósmos* regido por uma lei de equilíbrio e simetria. Também a descrição dos processos físicos em termos de geração, presente no poema, será cara à especulação dos pré-socráticos sobre o cosmos assim como o destaque a um Eros primordial que depois irá ressoar em Parmênides e Empédocles.

Nesse contexto de resgate das cosmogonias, dois autores que figuram pouco na história da filosofia têm seu lugar garantido na edificação de Sassi: Ferécides de Siro e Alcmeão. Pensadores que aparecem como intermediários entre o pensamento mítico e o pensamento dito filosófico. Em torno de Ferécides, como de Epimênides – também lembrado por Sassi –, circula uma série de narrativas de caráter fantástico, mas também reflexões importantes. Ferécides, por exemplo, é chamado de teólogo “misto” por conta da “combinação de elementos tradicionais e reflexões pessoais sobre o problema da origem” (p.90). Sassi coloca Ferécides na mesma linha de reflexão compartilhada por Anaximandro,

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

Anaxímenes, Heráclito e pelo cômico Epicarmo ao afirmar a eternidade dos poderes divinos, ao contrário de Hesíodo que atribui nascimento aos deuses.

Enfim, vemos ao longo desse segundo capítulo o interesse filosófico que é despertado pelos versos de Hesíodo, ao operar uma sistematização das antigas narrativas debruçando-se sobre a origem e constituição do cosmos. Além disso, o poeta impõe-se em seu poema, se autoapresenta – elemento que será de extrema importância na reflexão posterior de Sassi ao tratar da autorrepresentação dos filósofos pré-socráticos. Também Ferécides apresenta sua importância nesse contexto, não só pela forma em prosa com a qual resolveu expressar suas ideias como pela contestação da tradição. Essa atitude crítica é de fundamental importância para Sassi na inauguração do novo saber pré-socrático e mostra aqui nas cosmogonias um primeiro ensaio.

Tal atitude, como a própria autora afirma, “se vale de uma tecnologia cognitiva recém-nascida” (p.103). A escrita surge para Sassi como um elemento que reforça e sustenta uma característica essencial da cultura grega: a competição. O elemento agonístico encontra-se presente desde a época heroica, afinal nada mais propício à glória e à difamação do que o ambiente das armas. Todavia, pode-se encontrar essa característica presente em outras épocas na sociedade e em outros âmbitos. Como Sassi afirma, “*physiologoi*, médicos, geógrafos ou astrônomos devem abrir espaço não apenas exibindo conteúdos originais e inovadores, mas também sustentando argumentos hábeis e mesmo formalmente sofisticados, fundamentais para que se imponham sobre os adversários” (p.106).

Podemos nos perguntar de que forma a escrita interage com a transmissão oral, característica da sociedade grega. É certo que a escrita leva tempo para se “popularizar” e a oralidade continua a ser a forma preferencial de transmissão do saber por muito tempo. É mais provável, para a autora, que o texto escrito fosse destinado a uma leitura em voz alta e em público do que a uma leitura individual e silenciosa. A persistência da oralidade explica, segundo Sassi, porque alguns filósofos não registraram seu pensamento por escrito. Além disso, a manutenção do aspecto oral se insere perfeitamente no caráter agonístico da sociedade grega. A exibição do conhecimento diante de um auditório era muito mais requerida.

Se, por um lado, a escrita vem fixar as tradicionais narrativas míticas em um único suporte, por outro, ela permite uma elaboração do discurso de forma bem mais cuidada e uma

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

reflexão sobre esse discurso. Sassi retoma aí a divisão de Jan Assmann entre o uso “frio” e o uso “quente” da tradição. O uso “frio” da tradição é aquele próprio das sociedades que congelam seu passado enquanto o uso “quente”, característico da sociedade grega, pensa seu passado em função da inovação. É por isso que, diferente, do que poderíamos pensar, a escrita, na Grécia, continua a operar transformações tão significativas e quiçá ainda mais do que no período exclusivamente oral. Em um primeiro momento, poderíamos pensar que a escrita “congela” uma cultura cuja característica principal era justamente a de ser transmitida oralmente e com isso contar com todas as possíveis alterações que essa transmissão poderia proporcionar por habitarem diferentes regiões e/ou períodos temporais. No entanto, apesar da possibilidade sempre presente de modificação dos conteúdos quando transmitidos oralmente, existia uma preocupação bem grande em relação à transmissão oral do saber para que fosse a mais fidedigna possível, por isso vemos em Homero, por exemplo, estruturas, epítetos e descrições que se repetem, sem falar na métrica que contribuía para a memorização dos versos. A escrita, por outro lado, e é isso que Sassi quer dizer quando retoma o termo “quente”, reflete sobre a tradição de maneira crítica, transformando e ressignificando vários de seus elementos, mantendo a cultura grega em movimento constante sem negar por completo, ao menos no caso dos pré-socráticos, a própria tradição cultural. Assim, o registro escrito estimula a variação, a transformação, a reflexão: “na fixação visual do escrito e na possibilidade de reproduzi-lo, mais do que com as móveis formas de escutar, o discurso encontra uma configuração objetiva, favorável à elaboração do pensamento reflexivo como tal, o deposita em uma corrente cumulativa de resultados e o expõe, a um só tempo, à crítica: de fato, é base de futuras inovações” (p.118).

Se o surgimento da escrita acabou representando uma grande mudança para o pensamento, a possibilidade de escrever em prosa talvez tenha sido uma revolução ainda maior já que deixa de lado o discurso em versos hexâmetros, considerado por si só verdadeiro, a “voz” das Musas. A opção pela prosa significa que seu autor abre mão da legitimidade divina para buscar sua própria legitimidade através da argumentação. Entre aqueles filósofos que optaram pela prosa, Sassi nos apresenta Anaximandro e Heráclito e como contraponto a essa opção, Xenófanes. Cada um deles, a partir do uso que fazem da escrita, visaria um público diferente.

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

Uma das mais importantes questões presentes, sobretudo nesse capítulo dedicado ao surgimento da escrita, será: em que ocasiões e para que auditórios falavam os filósofos com seu novo saber e forma de se expressar? Tal questão está diretamente relacionada com a forma de autorrepresentação do filósofo, a autora trabalha com a “convicção de que as diversas modalidades da escrita são nota distinta de um específico modo de o autor comunicar-se com o seu público” (p.13).

Embora Anaximandro, como a própria tradição afirma, tenha se expressado em termos assaz poéticos, fazendo uso de metáforas e de atributos antes destinados aos deuses e agora usados para caracterizar o *ápeiron*, Sassi chama a atenção para o fato do filósofo ter concebido sua escrita com base na das leis. A autora nos apresenta uma rica reflexão entre as características do pensamento político/jurídico com a sentença de Anaximandro. O filósofo possivelmente utilizava tal vocabulário, juntamente com uma analogia polis-cosmos, para poder ter penetração na elite da cidade e, indiretamente, influenciar no seu comando.

Em relação ao mapa de Anaximandro é interessante pensar que, ao contrário do que normalmente consideramos – uma especulação de interesse puramente filosófico, baseada possivelmente em narrativas de navegantes de passagem por Mileto –, Sassi indica um uso prático, um “instrumento de informação geopolítica para os cidadãos mais atentos” (p.139), aberto também à crítica e à reflexão.

Na contramão do movimento em prosa inaugurado por Ferécides e Anaximandro, Xenófanés escreverá em versos, será poeta itinerante. Mas diferente dos rapsodos que na sua maioria transmitiam versos consagrados da tradição, Xenófanés compunha seus próprios versos de teor bastante crítico em relação à tradição poética vinda, sobretudo, de Homero e Hesíodo. O filósofo nos é apresentado como aquele que, utilizando formas da poesia tradicional, funda um projeto pessoal e inovador visando alcançar o amplo público da elegia e dos versos hexâmetros.

Sassi nos leva a pensar que Anaximandro, ao recorrer a um vocabulário jurídico e uma analogia entre polis-cosmos, ao escrever em prosa, tem a intenção de se dirigir a um público selecionado, mas influente politicamente. Já Xenófanés, quer facilitar a compreensão de um novo conteúdo expressando-o por meio de formas métricas familiares, destinado a uma audiência que deseja ser ampla. Se Xenófanés busca uma “popularização” de seus conteúdos, o que dizer de Heráclito? O filósofo de Éfeso mesmo na Antiguidade é conhecido pela

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

designação de “o obscuro”. Com uma linguagem quase oracular, Heráclito não se dirigia a um amplo público, tratava-se de uma verdade reservada a poucos. Nesse contexto, Sassi faz uma longa análise entre a forma de escrita de Heráclito e a linguagem dos mistérios. Enquanto Xenófanes atacava a representação dos deuses feita por Homero e Hesíodo, Heráclito ataca, de forma virulenta, aqueles que a tradição atribui uma sapiência. Assim como os dois primeiros, o filósofo se colocava em relação àqueles que criticava como superior, em um claro contexto competitivo. Contudo, visava um público, segundo Sassi, diferente de Anaximandro e de Xenófanes, Heráclito contemplaria a reflexão individual, “devia antever destinatários capazes de se colocar diante de um texto, num movimento de ida e volta sobre o mesmo pensamento para extrair deles as múltiplas ressonâncias”, visava portanto, um público de leitores, embora possivelmente não descartasse a leitura em voz alta já que sua fraseologia é atenta aos efeitos sonoros (p.153).

O quarto capítulo trabalha o pensamento a respeito da alma implicado no discurso sobre o cosmos. Nesse caminho, Sassi indica o longo percurso de entendimento da *psyché*, desde a ideia homérica de alma-sopro até o entendimento da alma como fonte de conhecimento. A autora retoma a divisão de Gábor Betegh (*Greek philosophy and religion*) entre dois modelos da relação alma-cosmos: *portion model* no qual a alma é parte daquele elemento primordial fundador do próprio cosmos e o *journey model* que trata da natureza imortal e sapiencial da alma individual (p.174).

Além de Heráclito e Empédocles, Sassi lembra daquele pensamento que, de dentro de um âmbito religioso sobre a salvação individual, produz um questionamento sobre a alma e sobre as regras que dizem respeito à responsabilidade moral. Portanto, o pensamento pitagórico e o órfico são retomados aqui. E se é possível que o pensamento a respeito de uma alma imortal possa ter origem fora da Grécia, como o Egito, por exemplo, também é verdade que no Egito a ideia de transmigração da alma não estava relacionada com a questão do conhecimento como encontraremos na Grécia. É a partir do universo pitagórico que Sassi tenta pensar, no que diz respeito à metempsicose, a memória como elemento constitutivo do eu individual.

Finalmente, em seu último capítulo, Sassi abre espaço para as vozes relevantes da Antiguidade. A primeira, como não poderia deixar de ser, é aquela proferida pelas Musas, divindades que na Antiguidade são responsáveis pela transmissão do saber divino aos poetas.

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

Mas o que Sassi quer mostrar aqui é como a diferença de gêneros literários ainda não estava em jogo no período dos pré-socráticos. O destaque estava nas diferentes ocasiões de performance, mais do que nos critérios formais. Tal divisão de gênero, segundo Sassi, é possível ser encontrada somente a partir do final do século V a.C. Até então, temos formas diferentes de comunicar conteúdos que se opõem. De um lado, a fala divina caracterizada pelos hexâmetros, de outro, a prosa que traz explicações para o cosmos e busca legitimar-se a partir de observações, de informações vindas através de viajantes navegadores, de especulações. Todavia, essa oposição fica perturbada quando tratamos de Parmênides e de Empédocles. Os dois pensadores escreveram em versos e evocaram figuras divinas que legitimaram suas falas. Tal escolha não significa, no entanto, que existe uma volta ao mito, ao contrário, temos preocupações e conteúdos novos. Para Sassi, o uso da poesia confirma o fato de que não se viam como filósofos, mas se colocavam no interior de uma reconhecida tradição literária para conferir autoridade a uma mensagem que sabiam ser nova. Em Parmênides e em Empédocles, assistimos a uma utilização de temas, figuras e estrutura míticas que surgem ressignificados. Parece haver uma aproximação das narrativas míticas para justamente traçar as fronteiras que separam as antigas narrativas do discurso sobre o conhecimento a respeito de tudo.

Sem abordarmos diretamente a interpretação de Sassi em relação ao próêmio de Parmênides é interessante assinalar a importância que confere a essa primeira parte do poema, colocando-se entre as interpretações mais recentes que tentam se voltar para o próêmio no sentido de entender porque Parmênides faz uso de uma narrativa que se aproxima das antigas narrativas míticas. No caso de Empédocles, é interessante a relação que estabelece entre misticismo e filosofia, mesclando a poesia épica a construções poéticas próprias de grande originalidade e riqueza.

São nesses dois últimos capítulos que a autora cede mais à tentação dos ensaios biográfico-literários, sobretudo quando trata de Empédocles e Parmênides. Coincidência ou não são também os capítulos menos instigantes do ponto de vista do destaque a elementos pouco ressaltados em outras análises ou quando Sassi os leva em consideração, o faz de maneira econômica, como é o caso da autorrepresentação dos dois filósofos. Essa questão é ainda mais instigante no caso dos dois pensadores, pois os dois evocam divindades que voltam a dar legitimidade ao discurso, mas, ao mesmo tempo, ambos se apresentam,

Azevedo, Cristiane A. de
Resenha de *Os inícios da filosofia: Grécia* (2015, Edições Loyola)

sobretudo Empédocles, como grandes figuras de autoridade, até mesmo se autodivinizando. De qualquer maneira, a questão está mais presente em Empédocles; no caso de Parmênides, Sassi chega a comentar que, dentro de sua performance, devíamos imaginar que é a própria voz do sábio conferindo potência ao discurso enquanto o ouvinte acaba se encontrando no tu a quem a deusa se dirige (p.223). Contudo, a autora não parece dar destaque à sua própria descoberta, e não articula a ideia de Parmênides como sábio inspirado com o conteúdo filosófico de seu poema.

Mesmo cedendo aos ensaios biográfico-literários nos dois últimos capítulos, o livro não perde sua força e nem mesmo seu interesse. Como afirmamos no início, chama a atenção a empreitada na qual se coloca: retomar a história da filosofia antiga, um tema já bastante explorado. A cada novo passo da autora vemos se fortificar seus eixos fundamentais de reflexão em relação a essa primeira filosofia: trata-se, como dissemos antes, de um pensamento que tem como elemento essencial a atitude crítica não só em relação à tradição mas também em relação aos novos pensamentos que surgiam e se estabeleciam. Essa atitude crítica não significa, no entanto, um descarte total da tradição. O grande movimento operado por essa nova forma de pensar, segundo o que Sassi tentou construir ao longo de sua argumentação, é de uma renovação a partir da tradição, tendo como pano de fundo a crítica. Enfim, será articulando tradição e transformação com uma atitude crítica marcante que Sassi responderá a questão de como os primeiros filósofos “contribuíram para o nascimento daquela particular forma de saber a que hoje chamamos filosofia?” (p.7). A resposta a essa pergunta procurou olhar o pensamento pré-socrático em toda a sua variedade já que, como Sassi afirma, “muitas são as direções que percorreu e que foram sacrificadas pela filosofia sucessiva, especialmente após a delimitação aristotélica de um preciso território de competência da razão filosófica” (p.13).

Enfim, trata-se de um livro que desperta o interesse daqueles que estudam filosofia antiga e em particular daqueles que tentam pensar a história da filosofia antiga a partir de um ponto de partida não vinculado a uma cronologia. Sassi consegue trazer um olhar diferente, uma perspectiva nova que mostra que ainda é possível explorar aspectos instigantes do pensamento dos antigos filósofos.